Devastação, o que há de novo?

Maria Luiza Rangel

A devastação (*ravage*) aparece tardiamente em Lacan. No escrito "O Aturdido"¹ de 1973, ela é articulada à castração feminina no relacionamento da menina com a mãe. Uma das últimas referências é o *Seminário 23*² onde ele situa a mulher como sintoma do homem, que, por seu turno representa, para a mulher, a devastação.

No primeiro texto, Lacan revela concordância com a tese freudiana do *Penisneid* derivada do complexo de Édipo que "faz da mulher peixe na água", e declara que "a menina não encontra na mãe mais substância de que em seu pai"³.

A devastação é um fato clínico e circula na experiência analítica sempre que esta sinaliza o gozo feminino como signo de um padecimento. Localiza-se precoce e primordialmente na relação da filha com a mãe, e é atualizada na relação com o parceiro ou mesmo na transferência. Nesse momento, a mãe é *nãotoda* para a filha, ou seja, esta vivencia um gozo não simbolizado, um gozo que não pode ser totalmente drenado pela calçadeira fálica, como diz Lacan, e que desemboca no capricho. A devastação com o parceiro representa assim um eco da devastação com a mãe.

Não é raro encontrarmos na experiência clínica mulheres com sintomas que podem ser designados como resultantes da devastação e que, na história clínica, revelam um relacionamento difícil com a mãe. Isso se torna particularmente mais grave quando há referência a situações de rejeição, insulto, injúria e o imperativo do silêncio da mãe em relação à filha. Esses acontecimentos fazem emergir

a devastação⁴ e possuem efeito traumático, tornando-se passível de repetição com o parceiro.

Jacques-Alain Miller⁵ aborda a devastação como erotomania. A demanda de amor de uma mulher não é amar, é pedir para ser amada, é uma demanda ao Outro às vezes muito angustiante para o parceiro e para a própria mulher, sobretudo porque não se detém. É o ponto onde não há limite.

Ao dirigir este amor erotomaniaco ao parceiro, a mulher *nãotoda* encontra o Outro barrado, uma vez que inexistente a relação sexual. Revelando seu impedimento, o parceiro faz emergir, no falasser feminino, a devastação.

Cristina Drummond destacou, em seu texto sobre a devastação⁶, o fato de que, quando da perda do amor do Outro pode ocorrer uma desfalização do corpo, uma errância, uma espécie de despersonalização ou ainda uma ameaça de desaparecimento.

Nas fórmulas da sexuação, Lacan define a mulher como relacionada, por um lado, ao gozo fálico atribuído ao homem e, por outro, ao gozo *nãotodo* fálico, o gozo feminino.

Considerando como Laurent⁷ que o gozo feminino se constitui numa balança entre estes dois lados, quando a mulher é tomada pela devastação produz-se um impossível de suportar, pois lança a mulher num campo onde o falo é quase inoperante. Como consequência, pode aparecer sintomas na linha da psicose, o que tem sido chamado por alguns de "loucura feminina", levantando, em alguns casos, questões relativas ao diagnóstico. Isso é efeito da proximidade do *nãotoda* com o campo das psicoses, cuja estrutura é o falo zero⁸.

Então, é no campo do laço social com o parceiro, filho ou mãe, parceiro do desejo ou o parceiro analista na transferência, que a erotomania feminina produz efeito de devastação. Acudado no campo do amor, o falasser feminino

não encontra outra saída senão cair como objeto resto do gozo do Outro.

Em algumas situações clínicas, verifica-se que, ao amor-ódio direcionado ao parceiro, acrescenta-se a marca narcísica herdada do *Penisneid* bem como a passividade, localizada por Freud no horizonte do funcionamento libidinal feminino.

A devastação pode também ser pensada como falha na metáfora do amor. Levando em conta o enunciado lacaniano "o amor é sempre recíproco"⁹, se não há amor de uma das partes, não se opera a metáfora amorosa.

A clínica atual e os avanços teóricos e clínicos da psicanálise em nosso campo de Orientação Lacaniana permitem-nos pensar a devastação numa visão mais ampliada. Esta consiste em relacioná-la à lei materna e ao novo entendimento da histeria¹⁰, que consiste em evitar reduzi-la à histeria clássica ou à histeria rígida, mas sim relacioná-la aos tempos do *parlêtre* e do *sinthoma*.

Devastação e lei materna

Examinando mais detidamente a devastação como fato clínico, podemos relacioná-la à lei materna que é anterior à lei do pai. Esta se localiza na fase pré-edípiana da menina, isto é, na sua relação com a mãe¹¹.

Em seu ensaio sobre o *sinthoma* sexual, Geneviève Morel¹² serve-se dela como pano de fundo para examinar a ambiguidade sexual.

Esta lei, que é anterior a lei paterna, se inscreve nos primeiros anos de vida da criança quando a relação da mãe com a criança é muito intensa para ambos os sexos. Para as mulheres inscreve-se na fase pré-edípiana.

Freud relata que "foi uma surpresa" quando obteve a "compreensão interna dessa fase primitiva". Trata-se desta revelação trazida por sua clínica: a menina faz de sua mãe a responsável por sua falta de pênis e não lhe perdoa por

seu infortúnio que, para ela, aparece como uma desvantagem. Freud traz o elemento trágico que se encontra soterrado na menina e que denomina de fase pré-edípica. "(...) Tal como a descoberta, em outro campo, da civilização minomíceniana por trás da civilização grega"¹³. Descobre também que a poderosa ligação da menina com a mãe termina em ódio.

Freud identifica algo que resiste na questão feminina, uma pré-história à qual não se tem acesso pela linguagem, devido a seu caráter de "resto", de "manifestações residuais" da pré-história indecifrável, portanto, mas já escrita alguma vez, como uma civilização soterrada por outra. Nessa travessia da pré-história à história edípica há um ponto ao qual não temos acesso pela memória, que corresponde ao que foi, para o sujeito feminino, sua primeira ligação com a mãe.

"Tudo me parecia tão difícil de apreender, tão esmaecido pelo tempo e tão obscuro", parecendo a ele quase impossível de verificar, que "era como houvesse sucumbido a um recalque especialmente inexorável"¹⁴.

Drummond destaca que, se o *Penisneid* corresponde a uma fixação infantil precoce, é porque uma parte do gozo do sujeito se encontra nela implicada, gozo que não é prazer, mas decepção que se repete, e por esse motivo está ligado ao além do princípio do prazer¹⁵.

Para Morel, interpretações incertas situadas no pré-edípico, a partir da obscura lei materna, provocam na menina sintomas primários e são a fonte de modalidades sintomáticas e do futuro *sinthoma*¹⁶. Formuladas como uma questão subjetiva, esta obscurece, por vezes, a passagem dos sintomas derivados da lei da mãe para a inveja do pênis na formação da identidade sexual da menina.

A lei materna é um gozo pertinente ao reino da mãe que afeta a criança desde cedo, sob a forma de um comando à submissão. Produz efeitos como o aparecimento da angústia

de castração e ganha uma forma mítica até que o Édipo se instale. Seus efeitos imprimem-se no inconsciente, modelando fantasias e sintomas. É uma lei composta de equívocos, tal como a língua materna.

A enunciação da lei da mãe não tem apelo. O chamamento da menina para o pai influencia sua urgência em encontrar saídas para o *Penisneid*, operador lógico da castração, como diz Freud. Uma das saídas é a feminilidade que se relaciona à histeria.

Propomos pensar a devastação como imbricada à lei materna. Nela encontramos as molas propulsoras do que poderá ser no futuro uma devastação, pois comanda na criança, seja como falo ou como objeto da mãe, o surgimento da subordinação e da passividade. Além disso, a mãe, pelo fato da criança demandar seu amor, é "estruturalmente" o objeto de amor da criança para ambos os sexos.

Essas novas assertivas permitem deslocar a devastação como eco de um sintoma traumático ocorrido na infância, que engendra um padecimento mortificador, para uma experiência vivida como gozo. Esta acepção paradoxalmente permite o acesso à posição feminina no final de análise, pelo seu potencial para realizar uma metamorfose na posição de gozo da devastação à posição feminina, permitindo à mulher operar como objeto semblantizado do desejo do homem.

Histeria como solução?

É possível considerar a histeria como uma das formas de defesa ao gozo feminino, ao *nãotodo* e à devastação, embora nem Freud nem Lacan houvessem situado essa aproximação.

Freud destaca a histeria no caso Dora, demonstrando o papel da Outra mulher como suposta detentora do segredo da feminilidade, o que coloca Dora como demandante de amor e de saber em relação à feminilidade e, portanto, do pai. O caso Dora aponta para um traço fundamental da histeria

freudiana - o amor ao pai, que representa um refúgio à devastação pela mãe.

Retomando Laurent quanto à concepção da sexualidade feminina como uma balança entre todo e *nãotodo*¹⁷, a histeria significa para uma mulher colocar-se no lado fálico para "bancar o homem", movimento que pode ser compreendido como uma defesa à feminilidade.

Joan Rivière denominou de mascarada¹⁸ a solução de usar a feminilidade como máscara para ocultar do Outro a identificação viril. A mascarada é uma forte defesa à feminilidade freudiana e ao seu corolário, o gozo feminino. Por consequência também é uma defesa em relação à devastação, já que esta é relacionada ao gozo feminino. A questão histórica passa pela recusa à posição de objeto a semblantizado do desejo masculino.

Assim, a histeria apresenta-se como uma alternativa da mulher de furtar-se à posição de objeto semblantizado que é requerida na posição feminina. Coloca também o falasser feminino distanciado do perigo ao ilimitado e ao excesso que o gozo feminino representa.

Brousse se indaga se, nos dias atuais, podemos considerar a morte da histórica ou sua ressurreição.¹⁹ A histórica, em que Freud encontrou a via do tratamento analítico, por meio da *talking cure*, estaria morta?

Certamente que não. Ela se manifesta em sintomas corporais, como podemos ver atualmente nas anoréxicas, assinalando a localização clássica, própria à histeria. A anoréxica responde aos imperativos do consumo com um emagrecimento tenaz, que impõe um desejo de magreza. É nessa via que se renova a histórica como objeto do tratamento analítico.

Não existe, portanto, declínio da histeria²⁰, nem ela é esquecida pela elaboração analítica. Lacan chega a fornecer um matema da fantasia histórica. Desde as

históricas freudianas, de Dora à Bela Açougueira, elas ocupam um lugar essencial na clínica.

Não se pode esquecer a elevação da histeria à categoria de discurso, que tem uma relação direta com o discurso analítico e com o discurso do mestre e, portanto, com o do inconsciente.

As históricas ensinaram à psicanálise que todo discurso só se sustenta em uma posição de gozo, que se manifesta na transferência. A palavra, como laço, é o dispositivo de gozo; esta é a verdade que a histérica revela. Por outro lado, o discurso histórico está ordenado por um gozo específico - o da falta, o da privação. É o que Freud extraiu dos significantes mestres da trama edípica, assim como da questão com a qual surpreendeu o mundo: *o que quer uma mulher?*

Mas o que a histérica deseja? "Um mestre, sobre quem ela reine"²¹, como Dora o manifesta, no que Freud foi enganado. Ela quer um mestre e procura um pai ideal, mas o que deseja é desvelar a impotência dele para assim triunfar, ou seja, colocar o saber sobre a impotência do mestre-pai em posição de verdade. A histérica é quem revela a impotência do significante mestre, seu semblante e, ao mesmo tempo, encarna o gozo feminino como gozo de ser privada pela mãe, pelo Outro mulher.

Estes são, segundo Brousse, os pontos que vigoram hoje na clínica da histeria, sejam mulheres ou homens. Freud não cessava de escutá-las destacando o mito freudiano do Édipo e a potência da função paterna.

O que nos diz a clínica do mais além do Édipo? A clínica do *sinthoma*?

A atualidade da histérica consiste em tomá-la ao pé da letra, seguindo a lógica do modo de gozo histórico que implica o sacrifício do sonho da felicidade pelo falo e da universalidade do sentido paterno.

Essas considerações sobre a atualidade da histeria supõem consequências.

A primeira delas é uma renovação da definição de histeria, o que implica definir o falo como semblante e aproximar o impossível da relação sexual.

A segunda, clínica é a retomada na histeria, a partir da referência ao discurso, o que permite ultrapassar um ponto limite freudiano do tratamento do *Penisneid* que é o sentido dado por Freud ao desejo insatisfeito pelo sentido fálico.

Se, de início, ela se concebe como castrada, vivendo o gozar da privação, no tratamento analítico atual ela não espera mais o falo.

O tratamento analítico pode significar para ela o abandono da enunciação "toda mulher" ou "todas as mulheres", para chegar a advir como *uma* mulher, ou seja, como diz Brousse, "para utilizar o *nãomaiskium* do seu ser em todas as variações situacionais"²². Essa é uma aquisição fundamental do desenvolvimento da teoria analítica que modifica o princípio da direção das análises.

A terceira é esse esclarecimento novo da posição feminina, indicada em negativo pela histérica, que por fazer o homem não está, entretanto, no protesto viril.²³

Se o real não responde à lei do pai, a histérica só tem o inconsciente para consistir. Este é o ponto comum entre o discurso histérico e o discurso do analista. A diferença é que o inconsciente da histérica é sustentado pelo amor ao pai. No entanto, quando uma análise chega a seu término, o significante mestre desvela seu laço com o pai, assim como o modo de gozo determinado pelo objeto.

Numa análise da histérica o sentido é sempre um modo de gozo, e o real não corresponde à lei do pai e o inconsciente não difere do consciente.

Pode-se perguntar novamente: Morta, a histérica? Certamente não. Ela se pôs no ritmo da modernidade e

desenvolve uma política nova que não consiste mais em sustentar que a relação sexual existe. Agora ela tem como parceiro o analista que, não sendo um mestre, escapa à sua visada. Assim, ela pode mostrar o valor do sintoma, quer dizer, do protesto irredutível ao discurso da ciência sobre o sexo.²⁴

Ressaltados estes aspectos e percorrendo os elementos da trilha que nos oferecem Brousse e Morel, a histeria pode representar uma passagem da devastação para a posição feminina, isto é, do objeto da pulsão, do gozo, ao objeto **a** semblantizado. Esta passagem passa pela histeria.

A análise pode oferecer ao falasser feminino a chance de se desvencilhar da posição de objeto-dejeto, a posição a qual lhe levou à demanda ilimitada de amor ao Outro, que não pode atendê-la, dado que é barrado, e que comprova assim, mais uma vez, que a relação sexual não existe.

¹ Lacan, J. (1972/2003). O Aturdido. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.448.

² Lacan, J. (1975-1976/2007). *O seminário, livro 23: o sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

³ Lacan, J. (1972/2003). O Aturdido. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 465.

⁴ Brousse, M.-H. (2004) Uma dificuldade na análise das mulheres: a devastação da relação com a mãe. In: *Latusa* - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (9). Rio de Janeiro: EBP-Rio, p. 216.

-
- ⁵Miller, J.-A. (1998) O osso de uma análise. In: *Agente - Revista Brasileira de Psicanálise-Seção Bahia*. Salvador, Bahia: Número especial.
- ⁶ Drummond, C. (2011) Devastação. In: *Opção lacaniana on-line*, Ano 2, número 6, novembro de 2011, p.11. Disponível em: <http://opcaolacaniananaonline.com.br>.
- ⁷ Laurent, E. (2012) A duplicidade da posição feminina. In: *A psicanálise e a escolha das mulheres*. Belo Horizonte: Editora Scriptum, p.101.
- ⁸ Rangel, M. L. (2013) Gozo feminino não todo e empuxo-à-mulher na psicose. In: *Agente Digital* (8). Salvador: Instituto de Psicanálise da Bahia, abril de 2013. Apresentado no XIX Encontro do Campo freudiano no Brasil. Salvador, 23 e 24 de novembro de 2012.
- ⁹ Lacan, J. (1972-1973/1978) *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ¹⁰ Brousse, M.-H. (2012) Morte e ressurreição da histérica. In: *Correio* (71), Salvador: Escola Brasileira de Psicanálise.
- ¹¹ Morel, G. (2008) *La loi de la mère - Essai sur le sinthome sexual*. Paris: Anthropos, p.4.
- ¹² Morel, G. Op. cit, p.5.
- ¹³ Freud, S. (1931/1996) Sexualidade feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, p.247.
- ¹⁴ Freud, S. Op. cit, p.231.
- ¹⁵ Drummond, C. Op. cit, p.5.
- Falta a referência 16.
- ¹⁷ Morel, G. Op. cit., p.6.
- ¹⁸ Rivière, J. (1929/1999) A feminilidade como máscara. In: *Agente*. Revista de psicanálise (11), Bahia: Escola Brasileira de Psicanálise.
- ¹⁹ Brousse, M.-H. (2012) Op. cit., **Falta página.**
- ²⁰ Brousse, M.-H. (2012) Op. cit., **Falta página.**
- ²¹ Lacan, J. (1969-1970/1993) *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.27.
- ²² Brousse, M.-H. (2012) Op. cit., p. 57.
- ²³ Brousse, M.-H. (2012) Op. cit., p. 53.
- ²⁴ Brousse, M.-H. (2012) Op. cit., p. 59.